

# AS FAMÍLIAS SE DIVIDEM

## INTOLERÂNCIA E CULPA CERCAM A DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE

TEXTO: AVELINA CASTRO E JAQUELINE ALMEIDA  
FOTOS: SHIRLEY PENAFORTE

“Eu amo meu filho, mas é muito difícil criar um garoto e depois ver ele virar uma menina”. A forma como a dona-de-casa Lúcia\* fala do filho Pedro\* explica o que sentem muitas mães e pais de meninos travestis. Além disso, apresenta uma realidade complexa, mas verdadeira: o modo como as famílias se relacionam com a orientação sexual dos filhos está empurrando muitos meninos para as redes criminosas. Depoimentos colhidos pela reportagem de **O LIBERAL** e do

jornal **Amazônia** mostram que as mães continuam a amar seus filhos quando eles passam a ser vestir de mulher, mas não deixam também de tratá-los com preconceito e até agressividade no momento em que a orientação sexual do adolescente vem à tona de modo a chamar atenção nos demais núcleos familiares, na escola, no bairro e em outros espaços de convivência. “Quando a gestante descobre o sexo do bebê, aperta o botão de start para todo um rol de comportamentos. De repente, as coisas mudam. Às vezes as mães aceitam muito bem, mas o restante da família não”, disse a psicóloga Sarah Baía, que já atendeu famílias e adolescentes homossexuais vítimas de exploração e tráfico.

A descoberta da homossexualidade na família começa quase sempre de forma violenta. “Ele não me contou, escrevia tudo num caderno. Quando eu li, briguei muito. Não aceitava de jeito nenhum. Fiquei muito decepcionada e botei ele pra fora de casa”, disse Lúcia\*. Expulso de casa pela mãe, Pedro, então com 16 anos, encontrou abrigo na casa de uns travestis do bairro, o Guajará, na periferia da Grande Belém. A partir do primeiro contato, em três meses, Pedro estava

em uma das esquinas de São Paulo sendo explorado sexualmente.

O retorno à casa da mãe aconteceu um ano depois, quando o rapaz pediu ajuda. “Ele me ligou dizendo que uma cafetina queria matar ele”, contou. Empregada doméstica e sem marido, Lúcia pediu dinheiro no emprego - “não expliquei detalhes porque meus patrões não aceitam e uma amiga disse que eu podia perder o emprego” - e trouxe o filho para casa, a esta altura com o corpo modificado, com glúteos e seios. Para viajar, Pedro precisou usar os documentos do irmão

mais novo porque durante uma briga em São Paulo uma cafetina queimou seus documentos - outra situação comum nas relações entre traficantes e suas vítimas. De volta a Belém, mãe e filho viveram um período de harmonia, até que no dia 2 de julho de 2006 a história da família que lutou para sobreviver ao tráfico chegou ao fim. Obcecado por um corpo feminino, Pe-

dro contratou dois travestis adultos para aplicar-lhe silicone nas coxas.

O procedimento, feito de forma tosca e com produto inadequado - o silicone usado por travestis é o mesmo da indústria automobilística e de limpeza -, resultou numa infecção grave. Pedro foi internado com dores agudas e a coxa deformada. Sem atendimento especializado, morreu dois dias depois. “Eu achei que eles tinham aplicado algum remédio nele porque tinha uns frascos, seringas e algodão no chão do quarto. Mas fiquei sabendo pronto-socorro que era silicone líquido”. Reação comum às mães de meninos traficados, Lúcia chora muito ao lembrar do filho e guarda até hoje o caderno de memórias. “Às vezes me pergunto onde foi que eu errei”.

\* Nomes fictícios para preservar a identidade dos adolescentes e de suas famílias.



O projeto que deu origem a esta reportagem foi vencedor da categoria temática especial do 4º Concurso Tim Lopes para Projetos de Investigação Jornalística, realizado pela ANDI e Childhood Instituto WCF-Brasil, com o apoio do Unicef, da OIT, da Fenaj e da Abraj.

■ **Sonho** de vida melhor é destruído pela solidão. Fantasia acaba e começa a humilhação dos aliciadores.